

## **Estamira e o secretário**



[Clique para ampliar](#)

### Referência:

Vieira, M. A. Estamira e o secretário. *Clinicaps*: Impasses da clínica, Minas Gerais, n. 18, setembro a dezembro de 2014. Disponível em: <[http://www.clinicaps.com.br/clinicaps\\_revista\\_18\\_art\\_01.html](http://www.clinicaps.com.br/clinicaps_revista_18_art_01.html)>. Acesso em agosto de 2014.

### *Autor e créditos:*

Marcus André Vieira

Psicanalista e psiquiatra, membro da Escola Brasileira de Psicanálise, doutor em psicanálise pela Universidade de Paris VIII e professor assistente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio.

### *Endereço postal e eletrônico:*

Rua Almirante Salgado, 377, Laranjeiras

CEP: 22240-170, Rio de Janeiro/RJ

Tel/fax: 21 3511 5969

E-mail: mav@litura.com.br

*Título:*

Estamira e o secretário

*Resumo:*

Nesse artigo, uma personagem é abordada. Ela surge do encontro de um diretor de cinema com uma mulher, Estamira. Da personagem, nada de conclusões universais poderão ser extraídas, e, justamente por isso, sua figura se presta a nos ensinar sobre o que está em jogo para o psicótico quando é preciso passar para o universal e imediatamente inteligível algo do estranho e indizível de uma singularidade. A partir de algumas referências de Lacan, desenha-se qual poderá ser o parceiro a secretariar o psicótico em seu percurso do radical singular ao universal.

*Palavras-chave:*

Psicose, gozo, Outro, leitura, estabilização.

*Title:*

Estamira and the secretary

*Abstract:*

In this paper, a character is referred. She emerges from the encounter of a film director with a woman, Estamira. From the character, no universal conclusions can be drawn, and, rightfully so, his figure is open to teach us about what is at stake for the psychotic when it matters pass to the universal and immediately intelligible something strange and indescribable a uniqueness. From some references of Jacques Lacan, we delineate which could partner be the secretary of the psychotic in his path, in an attempt to stabilize what is often endless sliding.

*Key-words:*

Psychosis, enjoyment, reading, stabilization.

## Estamira e o secretário

Desempenhamos um papel de registro, ao assumir a função, fundamental em todo intercâmbio simbólico, de recolher o que *do kamo*, o homem em sua autenticidade, chama a palavra que dura. Testemunho invocado da sinceridade do sujeito, depositário das atas de seu discurso, referência de sua exatidão, fiador de sua retidão, guardião de seu testamento, escrivão de seus codicilos, o analista tem algo de escriba. (J. Lacan, 1953/1998, p. 314)

### Estamiras

Estamira foi uma fortaleza de senhora: Estamira Gomes de Souza, três filhos, por mais de trinta anos viveu do que recolhia no lixão do Rio de Janeiro. Ela é também o personagem central de *Estamira*, documentário de Marcos Prado, a senhoria de um impressionante discurso. Elas não são idênticas. A segunda é resultado da passagem da primeira pelo olhar do documentário. Mas, para quê separá-las? Respeitar a obra, como respeitar alguém, é resistir a reduzi-la a aspectos parciais. Que seja essa nossa primeira decisão.

O mesmo vale para o documentário. Há muito nele que, como em tudo que brilha, é plural e multiuso. Ele desenha o lixão, depois “Aterro Sanitário de Gramacho” (que mudou de endereço, pois ficou abarrotado com o equivalente a treze estádios do Maracanã cheios até a borda); acompanha os efeitos do tratamento ministrado pela Rede de Serviços em Saúde Mental para um usuário pobre do subúrbio do Rio; conta um pouco da história da psiquiatria do Rio nesses últimos cinquenta anos; retrata um pouco da função, ali, da religião, dos laços de família, hoje, e muito mais. Acima de tudo, ensina sobre a loucura, ou melhor, sobre suas íntimas relações com a razão. Afinal, é tudo menos fora do juízo uma fala como esta de Estamira descrevendo o lixão:

Isso aqui é um depósito dos restos. Às vezes é só resto, e às vezes vem também descuido. Resto e descuido. Quem revelou o homem como único condicional ensinou ele a conservar as coisas, e conservar as coisas é proteger, lavar, limpar e usar mais o quanto pode. Você tem sua camisa, você está vestido, você está suado, você não vai tirar a camisa e jogar fora, você não pode fazer isso. Quem revelou o homem como único condicional não ensinou trair, não ensinou humilhar, não ensinou tirar, ensinou ajudar. Miséria não, mas as regras sim. Economizar as coisas é maravilhoso, porque quem economiza tem. Então as pessoas têm que prestar atenção no que eles usam, no que eles têm, porque ficar sem é muito ruim. O Trocadilo fez numa tal maneira que, quanto menos as pessoas têm, mais eles menosprezam, mais eles jogam fora (Prado, 2005, p. 115).

### O Outro

O personagem será nosso objeto, sem que possamos, felizmente, legislar sobre a pessoa. Nada melhor para a psicanálise. Um personagem se presta mal a material empírico para conclusões universais. Ele será, antes, aula da instável proeza que nos interessa: passar para o universal e imediatamente inteligível algo do estranho e indizível de uma singularidade. Ensina, então, sobre isso a que uma análise almeja. Deixemos, assim, o par foucaultiano “razão-desrazão” (cf.: Foucault, 1978), para nos focalizarmos neste “singular-universal”.

Será preciso incluir em nossa leitura um olhar terceiro, o de Marcos Prado, pois é no encontro entre os dois, Prado e Estamira, que algo toma forma, nos toca e garante o efeito certo do filme. Seria Prado um mediador? Lacan prefere o termo *secretário*. Para começar a entender a diferença entre os dois, é bom lembrar que, tal como numa análise, são dois corpos que ali se encontram, mas não exatamente, pois um fala e o outro registra. E, sobretudo, mesmo que sejam dois, dali sairá apenas um personagem, ainda que extremamente multifacetado.

Como de praxe, o analista tem a vantagem de contar com a função do *Outro* para fazer essa mágica passagem do privado ao público, que é também a do documentário. Para começar, nessa função, Lacan reúne os planos “macro” e “micro” da alteridade. O Outro tanto é para todos a cultura, quanto para cada um algo de uma primeira presença íntima, como a mãe, um cuidador primeiro. Como “tesouro do significante” (Lacan, 1960/1998, p. 820), ele tem tudo o que se pode saber sobre qualquer coisa<sup>1</sup>.

Com Estamira, porém, o sujeito suposto saber não funciona. Para ela, de modo algum o saber que vale provém da tradição ou do patrimônio ancestral de sabedoria da humanidade. Ele deverá ser inventado, pois a via régia para o coletivo está fora de questão, *foraclusa* (cf.: Lacan, 1955-1956/1985, p. 174), nos termos de Lacan. Veremos como, mais adiante. Por ora, constate-se o seguinte: ai de quem chega para Estamira com versões já prontas como via para o coletivo, Deus, o Nome-do-Pai e o sentido religioso da vida (cf.: Lacan, 2005). É o que faz seu filho, provocando o seguinte discurso:

Trocadilo safado, canalha, assaltante de poder, manjado, desmascarado! Me trata como eu trato que eu te trato; me trata com o teu trato que eu te devolvo o teu trato. E faço questão de devolver em triplo! Onde já se viu uma coisa dessa? A pessoa não pode andar

---

<sup>1</sup> Nesse sentido, a função do Outro se confunde com o que Lacan definirá mais tarde como *sujeito suposto saber* (cf.: Miller, 1987, p. 77), a quem se endereça o analisante para encontrar a chave de seu mistério: como dizer o sem nome.

nem na rua onde mora, nem trabalhar dentro de casa e nem em trabalho nenhum, em lugar nenhum [...] Que Deus é esse? Que Jesus é esse que só fala em guerra e não sei o quê?! Não é ele que é o próprio Trocadilo? Só pra otário, pra esperto ao contrário, bobado, bestalhado. Quem já teve medo de dizer a verdade largou de morrer? Largou? Quem anda com Deus, dia e noite, noite e dia na boca ainda mais com os deboches, largou de morrer? Quem fez o que ele mandou [...] largou de morrer? Largou de passar fome? Largou de miséria? Ah, não dá, não adianta! Ninguém, nada vai mudar meu ser. Eu sou Estamira aqui, ali, lá, no inferno, nos infernos, no céu, no caralho, em tudo quanto é lugar (*Ibid*, p. 119).

## **Infinito**

O Outro de Estamira está bem mais próximo do *Google* que, como descreve Jacques-Alain Miller (Miller, n.d.), está sempre a um passo de se mostrar como é: sem sentido, burro, puro emaranhado de saberes sem articulação ou hierarquia, sem verdade.

Ai, também, de quem quer entrar em contato com Estamira valendo-se da dissimulação do politicamente correto, como faz sua filha, inserindo-se num discurso do tipo “respeito sua diferença”. Estamira, em sua posição de exterioridade a nosso mundo de crenças compartilhadas, convive com algo bem mais definido e intenso que as falas dos políticos. Ela está às voltas com a certeza de uma verdade, pois guarda uma relação com o lugar de onde todas as certezas vêm, um lugar além de nossas prescrições e saberes, e que é sempre um espaço aberto ao infinito.

A doutora me perguntou se eu ainda tava escutando as voz que eu escutava. Eu escuto os astros, é, as coisas, os pressentimentos das coisas. Eu falei pra Dra. Alice: minha cabeça tem hora que parece que dá choque. Não dói não, dá agonia, dá choque. Bate assim, igualzinho onda de mar. A doutora passou remédio pra raiva. Eu fiquei muito decepcionada, muito triste, muito profundamente com raiva dela falar uma coisa daquela. E ela ainda disse sabe o quê? Que Deus que livrasse ela. Que isso é magia, telepatia, e o caralho. Porra, porra, porra! Pra quê pô? Ela me ofendeu demais da quantia. Ela é copiadora. Eu sou amiga dela, gosto dela eu quero bem a ela, quero bem a todos, mas ela é copiadora. Eles estão fazendo sabe o quê? Dopando quem quer que seja com um só remédio. Não pode. O remédio é o seguinte: se fez bem, pára, dá um tempo. Se fez mal vai lá reclama como eu fiz três vezes na quarta vez que eu fui atendida. Entendeu? Mal, eu não quero mal deles não. Eles tão copiando. [...] Vocês não aprendem na escola, vocês copiam, vocês aprendem é com as ocorrências. Eu tenho neto de dois anos que já sabe disso. Tem de dois anos que ainda não foi na escola copiar hipocrisias e mentiras charlatais (*Ibid*. P. 120-123).

## **Vertigem**

Portanto, para Estamira, não servirão nem religião, nem meios-termos, nem ciência, no que esses discursos podem ser um bálsamo para as agruras do que temos de loucura em nós. Sim, há loucura em nós e não no doente, pois, como dirá Lacan: “Longe

de a loucura ser um fato contingente das fragilidades do organismo, ela é a virtualidade permanente de uma falha aberta em sua essência” (Lacan, 1946/1998, p. 177).

Até aqui, seguimos Estamira, mas assola-nos uma vertigem: se, diante do real infinito, tudo o que sabemos é cópia, em quê nos escorar? Afinal, até mesmo o que somos não foi, de certa forma, implantado em nossos corações e mentes?

Recuamos, salvando-nos do abismo ao inserir entre nós e Estamira a pergunta: Por que ela ficou assim? Talvez os acontecimentos ou a genética expliquem sua loucura. Mas, Marcos Prado soube construir um estranho personagem. Os dados poderiam nos tocar: mãe esquizofrênica, marido violento que a obriga a internar a mãe, e que, após anos de agressões, a abandona com dois filhos, estuprada, pobre... Tudo isso levaria a dizermos que ela sofreu demais, o que a restauraria como nossa paciente. Entretanto, no filme, as lembranças às vezes dizem muito, às vezes nada.

Nasci no 7 do 4 do 41, a carne e o sangue, e o formato. E aí então sabe o que aconteceu? Eles levaram meu pai no 43. Aí nunca mais meu pai voltou. O meu pai chamava eu de tanto nomezinho. Chamava eu de uns nome engraçado. Merdinha, é, neném, filhinha do pai. Depois eles disseram que meu pai morreu. Aí então, minha mãe ficou pra cima e pra baixo comigo. Que judiação né? Coitada da minha mãe, mais perturbada que eu. Bem, eu sou perturbada, mas lúcida, e sei distinguir a perturbação, entendeu como é? E a coitada da minha mãe não conseguia. Mas também pudera eu sou Estamira, né. Se eu não der conta de distinguir a perturbação eu não sou Estamira. Eu não era... Eu não seria... (*Ibid.* P. 116).

### **Freud não explica**

É preciso afirmar, como decisão metodológica e não confissão de impotência: “Freud não explica”. Apesar de toda nossa vontade de achar a chave, não há causa. Só assim será possível seguir Lacan e tomar ao “pé da letra” o que o alienado nos conta (Lacan, 1955-1956/1985, p. 235). Não se trata de acreditar nele, nem de compreendê-lo como doente, ou santo. Para poder levar o doente ao pé da letra, Lacan se serviu da noção de estrutura. Afinal, se fosse apenas para criar mais um diagnóstico por meio de uma nova categorização segregativa, não teria sido preciso tanto trabalho. Com a estrutura psicótica, Lacan buscou um lugar para que pudéssemos preservar a estranheza com que vive o louco. Nem santo, nem doente, *psicótico*. Dessa forma, em vez da procura de uma explicação, um “porque”, Lacan, como Jaspers (cf.: Leguil, 1991), dá lugar ao “como”.

Mirando o “como”, fica evidente que a questão do psicótico não é, como em Cecília Meirelles (Meirelles, 1990), entre isso ou aquilo, mas com *tudo isso* que constitui

nosso pequeno mundo. Nossas crenças e desejos, nossas histórias e sonhos. É com o Outro como a própria cultura que o louco lida em “uma relação mais radical, mais global com o fenômeno do significante” (Ibid., p. 239). Por isso, seu parceiro é sempre descomunal, deixando-lhe apenas os pressentimentos das coisas, exilado, apesar de dentro.

A criação toda é abstrata. O espaço inteiro é abstrato. A água é abstrato. O fogo é abstrato. Tudo é abstrato. Estamira também é abstrato. Tudo que é imaginário tem, existe, é. Sabia que tudo que é imaginário existe e é e tem? Pois é. Os morros as serras as montanhas... paisagem e Estamira... Estamar, Estaserra... Estamira tá em tudo quanto é canto, tudo quanto é lado (*Ibid.* P. 115).

## O “poder real”

Marcos Prado afirma que só considerou ter um filme em mãos quando pôde dar ao discurso trovejante de Estamira um pouco de história humana. Felizmente, apesar disso, de forma reverente, aceitou subordinar a novela familiar ao mito delirante. Põe todas as cenas em que são fornecidas balizas históricas em preto e branco. As histórias são importantes, claro, mas é imperativo que não ofusquem a história de uma loucura. É essa que conta. Nesse sentido, é preciso destacar um momento histórico, constatado por Carolina, a filha de Estamira. Ela conta como o “lado trovão” de sua mãe desencadeou-se:

Ela começou assim: “Dona Maria, você sabe que fizeram um trabalho de macumba para mim”, aí pisou na macumba, Deus me proteja... Aí um mês depois disse: “Eu tenho impressão que tem gente do FBI atrás de mim, quando eu tô no ônibus eu tenho impressão que tão me filmando, eu não sei pra que, tipo com câmera escondida”. Um dia, sentou lá no quintal da minha sogra, aí olhou pros pés de coqueiro, olhou, olhou, olhou, olhou, aí virou para minha sogra e falou assim: “isso aqui é que é o poder, isso que é tudo que é real, isso é que é real”. Naquele dia, acho que ela desistiu mesmo de Deus e agora é só “eu” e “eu”, o “poder real” e acabou (*Ibid.*).

## Transbordo

Por que exatamente ali e exatamente dessa forma? Não saberemos, mas é possível constatar que, juntamente com o encontro-ruptura com o “poder real”, puro corte e silêncio, vem, quase ao mesmo tempo, um modo de costura e conexão: a missão de “revelar”. Muito gira em torno dessa missão que lhe dá função na Terra.

A minha missão, além d’eu ser Estamira, é revelar a verdade, somente a verdade. Seja capturar a mentira e tacar na cara, ou então ensinar e mostrar o que eles não sabem, os

inocentes... Não tem mais inocente, não tem. Tem esperto ao contrário, esperto ao contrário que tem, mas inocente não tem não (*Ibid.* p. 116).

O diagnóstico, então, não é nenhum desafio: esquizofrenia paranoide, CID F20.0. O delírio, inclusive, é bastante comum em seus temas principais. O importante, se seguimos Lacan, é o modo singular como se conectam os nomes da cultura com o real daquilo que chamamos *gozo*. Nos termos de Estamira, ele é “transbordo”.

Tem o eterno, tem o infinito, tem o além e tem o além dos além. O além dos além, vocês ainda não viram. Cientista nenhum ainda viu o além dos além [...]. Os além dos além é um transbordo. Você sabe o quê é um transbordo? Bem, é toda coisa que enche, transborda, então o poder superior real, a natureza superior contorna tudo para reservas. É lá nas beiradas. Entendeu como é? Nas beiradas ninguém pode ir, homem nenhum pode ir lá [...]. Pra esse lugar que eu tou falando, o além dos além. Lá pras beiradas, muito longe. Sanguíneo nenhum pode ir (*Ibid.* p. 119).

Para ter uma ideia do quanto esse transbordo é presente em nossas vidas é preciso aproximar, como talvez tenha feito Marcos Prado, a intuição dos medos e mitos mais antigos. Ela nos contará então, assim como Estamira, histórias de um transbordar abissal do fim do mundo, lá onde acaba a Terra. Onde, para nossos antepassados navegadores, não havia limite, apenas um derramar do mar sem fim. Esse transbordar é apenas vislumbre e possibilidade, um além que nos habita como assombro, pois Estamira tem razão: nenhum sanguíneo, finito, pode habitar o insuportável infinito.

## O falo

Mas, como ela foi parar lá? Uma primeira resposta de Lacan é comparativa: é que Estamira partilha de um *Unglauben*, uma recusa da crença nos termos de Freud, uma recusa da conexão comum, que seria o falo, como provedor de acesso universal. O falo nada mais é que a crença partilhada de que existe uma medida comum para todas as coisas. Para uma pequena ilustração da função fálica, e já que falamos de transbordo, entremos, como propõe Lacan (1962-1963/2005, p. 312), em uma bacia.

A bacia nos remete a uma cena e a um nome próprio: Arquimedes. Seu célebre *Eureka* sela o momento de uma operação decisiva. Quantos já não mergulharam em uma banheira e viram a água transbordar? Arquimedes<sup>2</sup>, porém, fornece a fórmula do

---

<sup>2</sup> Trata-se do “princípio de Arquimedes”. Cf.:



transbordo, compreende-o como um objeto concreto, objetiva-o com uma fórmula simples: cada corpo mergulhado na água produz um transbordamento equivalente à sua massa. O deslumbramento e o êxtase abandonam o transbordo, que se torna dosado, regulável. O falo, para Lacan, é isso, apenas uma premissa universal que impõe um regime próprio do pensamento. Sob a dominância dessa discursividade, nesse exemplo, mesmo quando não se dispuser dos corretos instrumentos de medida, poderemos sempre supor que a água pode ser submetida ao cálculo. Ela nunca transborda, apenas transpõe a borda.

Estamira não paga este preço. Traz com precisão o desmedido do gozo, delineando um mundo em que o represamento e a medida inexistem, o que não se faz sem um custo impossível. Quase fora do mundo, terá como contrapartida a necessidade de reconstruí-lo permanentemente por meio do delírio, pagando com desrazão o preço de uma solução para o problema do impossível infinito, ao qual denominará, como vimos, “poder real”. Ela terá que vestir a paradoxal missão de “revelar” em sua fúria o indizível segredo desse poder na língua dos homens. Pois, sob Arquimedes e seu ponto de mira, está esta Outra mira (Est’Outramira).

Os morros, as serras, as montanhas... paisagem e Estamira..., estamar, estaserra... Estamira tá em tudo quanto é canto, tudo quanto é lado. Até meu sentimento mesmo vê, todo mundo vê Estamira. Eu, Estamira, sou a visão de cada um... (Fala extraída de Prado, 2004)

## **Leitura**

Mas, como fixar esse transbordamento e deslizamento incessantes? Como obter um ponto de vista que permita estabilizar os nomes e fazer com que digam pouca coisa ao mesmo tempo, às vezes uma só? Lacan dá a pista: pensemos o trabalho de estabilização como o de fixação de uma leitura (Lacan, 1955-1956/1985, p. 236).

Aqui, a analogia com o escrito é preciosa. O mundo se estabiliza por se escrever, escrita continuamente reatualizada pela mediação do Outro. Afinal, nada se escreve sem um endereçamento. Nesse sentido, vale lembrar o primeiro encontro de nossos protagonistas. Estamira vê Prado filmando tudo e nada no lixão, lhe chama e diz: “Senta aqui que vou contar minha história, para que você conte para o mundo todo”. Nesse

---

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Princ%C3%ADpio\\_de\\_arquimedes#Princ.C3.ADpio\\_de\\_Arquimedes](http://pt.wikipedia.org/wiki/Princ%C3%ADpio_de_arquimedes#Princ.C3.ADpio_de_Arquimedes). Acesso em: 20 de jun. 2014.

trabalho de tradução essencial, o delírio, segundo Lacan, é menos importante em suas significações. O essencial é que alguns de seus significantes de base sejam respeitados. Dar um destino a eles é dar um lugar para Estamira.

Devemos admitir que a psicose não esteja somente na dependência do que manifesta, no nível das significações, sua proliferação, seu labirinto, no qual o sujeito estaria perdido, e mesmo preso a uma fixação, mas que ela provém essencialmente de algo que se situa ao nível das relações do sujeito com o significante [...]. O significante deve ser concebido como distinto da significação [...]. Que haja significantes de base sem os quais a ordem das significações humanas não poderia estabelecer-se, nossa experiência nos faz sentir com muita frequência. (Ibid., p. 227)

## **Lixão**

Ao menos um significante é evidente em Estamira: o lixo. Ele ganhará para ela o *status* de um marido: Dr. Cisco Monturo.

A única sorte que eu tive foi de conhecer o Sr. Jardim Gramacho, o lixão, o Sr. Cisco Monturo que eu amo, eu adoro, como quero bem aos meus filhos e como eu quero bem aos meus amigos. Eu não vivo por dinheiro, eu faço o dinheiro. Eu que faço. É você quem faz. Eu não vivo pra isso e por isso. Felizmente graças a aqui, eu tenho aquela casinha lá, aquele barraco. Eu acho sagrado o meu barraco, abençoado, eu tenho raiva de quem falar que aqui é ruim. Sai daqui, eu tenho pra onde descansar, isso que é minha felicidade (Prado 2005, 116).

Esse trabalho autoral com o significante não se faz sem um leitor, que pode ou não ser encarnado. Tanto maior será necessária sua presença física quanto mais original for o trabalho, e tanto mais o Outro ali precisará se apresentar para ser conquistado, subvertido, subjogado para dar seu assentimento para aquilo que o louco constrói.

Estamira produz o delírio como solução, mas não só. Ela também produz uma solução que não passa pela recriação do mundo, mas por um fazer. A cada dia em que transmuta lixo em dinheiro, ela produz para si um lugar no Outro sem precisar lhe impor o que quer que seja em termos de sentido e ainda ganha dele um lugar para morar e um marido.

## **Poema**

Parafraseando Lacan em *O sinthoma* (cf.: Lacan, 1975-1976/2007, p. 115-124), digamos que a conjunção Marcos Prado/Estamira, assim como uma análise, não produziu

nenhum poeta, mas sim um poema. Nem um, nem outro saiu curado da debilidade mental que nos obriga a permanentemente entrefechar a porta do infinito para sobreviver – mesmo que nesse encontro provavelmente Estamira tenha podido afastar-se do perigoso abismo, e Marcos Prado dele tenha tido um vislumbre concreto. Mas, doravante ambos podem se apoiar no que fizeram juntos para prosseguir renovados.

Schreber não é um poeta, não nos introduz em uma dimensão nova da experiência. A criação é quando um escrito nos introduz num mundo diferente do nosso, nos dá a presença de um ser, de uma certa relação fundamental, como nossa. (Lacan, 1955-1956/1985, p. 94)

Após o lançamento do filme, tendo já recebido vários prêmios, inclusive com a presença de Estamira no palco, Marcos Prado pergunta a ela, ansioso por sua aprovação: “O que você achou do documentário?”. E ela apenas diz: “Você cumpriu sua missão” (Prado, 2004)

### **Referências bibliográficas**

FOUCAULT, M. (1978) *História da loucura na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva.

LACAN, J. (1946/1998) “Formulações sobre a causalidade psíquica”. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 152-194.

\_\_\_\_\_. (1953/1998) “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 238-324.

\_\_\_\_\_. (1955-1956/1985) *O Seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. (1960/1998) “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 807-842.

\_\_\_\_\_. (1962-1963/2005) *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. (1975-1976/2007) *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. (2005) *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LEGUIL, F. (1991) *Lacan com e contra Jaspers*. Capítulos de Psicanálise, vol. 15. São Paulo: Biblioteca Freudiana Brasileira.

MEIRELLES, C. (1990) *Ou isto ou aquilo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

MILLER, J-A. (1987) *Percurso de Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. \_\_\_\_\_. *Google*. Disponível em: <http://www.lacan.com/jamgoogle.htm>. Acesso em: 20 de jun. 2014.

PRADO, M. (2004) *Estamira*. [Filme-vídeo]. Produção de James D'Arcy, José Padilha, Marcos Prado, direção de Marcos Prado. Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. *Jardim Gramacho*, Rio de Janeiro, Argumento, 2005.

The image is a screenshot of the ClinICAPS website. At the top left is the logo for ClinICAPS, with the tagline 'Impasses da clínica'. To the right of the logo is a navigation menu with links for 'Revista', 'Glossário', 'Biblioteca', 'Links', 'Institucional', 'Sinhá Olympia', and 'Contato'. The main header area contains the text: 'Espaço clínico de interlocução e construção de referências para reflexões sobre o Modelo de Atenção à Saúde Mental de Minas Gerais - CAPS'. Below this is a banner for 'Revista Nº 18' with the ISSN 1983-6007, issue number 18, and the period 'Setembro à Dezembro de 2012'. The banner features a line drawing of a man's head and a cityscape. To the right of the banner is a vertical menu with links: 'Editorial', 'Sumário', 'Artigos', 'Relato de Experiência', 'Corpo Editorial', 'Instruções aos Autores', 'Números Anteriores', and 'Indexadores'. The main content area displays the article title 'Estamira e o secretário' and its English translation 'Estamira and the secretary'. The author is identified as Marcus André Vieira, a psychoanalyst and psychiatrist, with his credentials and contact information listed. A 'Resumo' (summary) of the article is provided at the bottom, discussing the character Estamira and the director's role.